

## A compreensibilidade de palavras heterotônicas do espanhol faladas por aprendizes brasileiros

The comprehensibility of heterotonic Spanish words spoken by Brazilian learners

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.40681>

*Pollianna Milan*

Licenciada em Letras Português e Espanhol, mestre e doutora em Linguística, todos os títulos obtidos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente trabalha como professora substituta de espanhol do curso de graduação de Letras da UFPR e atua como professora concursada da disciplina de espanhol nos colégios estaduais pertencentes ao Núcleo de Educação de Curitiba da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed-PR). É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Fonética e Fonologia Aplicada à Língua Estrangeira (NUPFFALE).

E-mail: [pollimilan@hotmail.com](mailto:pollimilan@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5715-6012>

*Denise Cristina Kluge*

Possui graduação em Letras Português-Inglês pela Unisinos (2000), mestrado em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC- (2004) e doutorado (2009) e pós-doutorado (2016) em Letras Inglês também pela UFSC. Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro

vinculada ao Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras e ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Fonética e Fonologia Aplicada à Língua Estrangeira (NUPFFALE).

E-mail: [deniseckluge@gmail.com](mailto:deniseckluge@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4656-7902>

## RESUMO

Esta pesquisa exploratória investigou a compreensibilidade de palavras heterotônicas do espanhol falada por aprendizes brasileiros. A produção de heterotônicos de dois estudantes da graduação em Letras-Espanhol de uma universidade federal no Paraná foi avaliada em sua compreensibilidade em um teste de discriminação por 82 ouvintes, falantes de espanhol como língua materna. Os ouvintes deveriam julgar, após ouvir um par de palavras heterotônicas como ‘alergia’ (em português do Brasil) e ‘alergia’ (em espanhol) qual era a mais compreensível em espanhol, se a primeira ou a segunda que foi escutada. Os pares de palavras avaliadas pelos ouvintes tinham sempre o seguinte formato: uma era falada com a tônica adequada em espanhol e a outra era falada com a tônica em uma sílaba inadequada em espanhol, mas adequada ao português brasileiro. Os resultados mostraram que a compreensibilidade ocorreu em quase todos os casos (92%) quando a palavra foi dita com a tônica adequada em espanhol. Contudo, a palavra em espanhol ‘parálisis’ (em português, ‘paralisia’) teve um percentual diferente das demais na pesquisa. Além disso, os falantes de espanhol que tinham conhecimentos de português preferiram como mais compreensíveis as palavras com a tônica adequada em espanhol, apesar de provavelmente saberem da existência da mudança da sílaba tônica no português. Esta investigação exploratória observou ainda que a nacionalidade dos participantes interferiu nos resultados de compreensibilidade.

**Palavras-chave:** Compreensibilidade. Palavras heterotônicas. Fonética e Fonologia. Espanhol como Língua Estrangeira. Aprendizes brasileiros.

## ABSTRACT

This exploratory study investigated the comprehensibility of heterotonic Spanish words spoken by Brazilian learners. In this study, heterotonic words are those which have similar meaning and spelling in Spanish and Brazilian Portuguese but differ in stress syllable position. The production of two undergraduate students from Letras-Espanhol at a federal in Paraná was assessed for comprehensibility in a discrimination test by 82 listeners, speakers of Spanish as first language. After hearing two heterotonics such as ‘alergia’ (in Brazilian Portuguese) and ‘alergia’ (in Spanish), for instance, the listeners should judge which was the most comprehensible in Spanish, whether the first or the second they heard. The pair of heterotonics evaluated by the listeners always followed the

same structure: one was spoken with the stressed syllable in the appropriate position in Spanish and the other was spoken with the stressed syllable in an inappropriate position in Spanish, but suitable for Brazilian Portuguese. Results showed that comprehensibility occurred in almost all cases (92%) when the heterotonic was pronounced with the stressed syllable in the appropriate position for Spanish. However, in this study, the Spanish word 'parálisis' ('paralisa' in Brazilian Portuguese) had a different percentage from the other heterotonics. In addition, results also showed that the Spanish listeners who had some knowledge of Portuguese also preferred, as more comprehensible, the heterotonics spoken with stressed syllable in the proper position in Spanish, although they probably knew the change of position stressed syllable in Portuguese. This exploratory study also observed that the nationality of the listeners interfered in comprehensibility results.

**Keywords:** Comprehensibility. Heterotonics. Phonetics and Phonology. Spanish as Foreign Language. Brazilian learners of Spanish.

## Introdução

Este artigo disserta sobre o nosso entendimento acerca de compreensibilidade, perpassa por alguns experimentos na área e trata de nossa investigação e de seus resultados. Nosso objetivo principal é averiguar, entre duas palavras da língua espanhola faladas por aprendizes brasileiros – uma com o acento tônico adequado e outra com o acento tônico inadequado –, qual é a pronúncia que os falantes de espanhol como língua materna preferem. Ou seja, qual é mais compreensível. Assim, como objetivo específico, pretende-se investigar se a inadequação de uma sílaba tônica é aceita (ou não) pelos falantes de espanhol como L1, ou seja, se eles tendem sempre a preferir a palavra com a sílaba tônica adequada ou a posição da sílaba tônica (mesmo que inadequada) não interfere nesta preferência.

Escolhemos como *corpus* desta pesquisa as palavras heterotônicas, aquelas da língua espanhola que são semelhantes às do português do Brasil (doravante PB) em suas grafias e significados, porém diferentes entre as duas línguas porque a sílaba tônica dessas palavras ocupa uma sílaba diferente em cada idioma, conforme os três exemplos a seguir:

ESPAÑHOL	PB
at. <b>m</b> ós.fe.ra <sup>1</sup>	at.mos. <b>f</b> e.ra
ac. <b>n</b> é	ac.ne
ca. <b>n</b> i.bal	ca.ni. <b>b</b> al

Ainda, consideramos importante salientar que não encontramos estudos que tratem da compreensibilidade do espanhol como língua estrangeira<sup>2</sup>, por isso esta presente pesquisa exploratória pode vir a colaborar com uma possível lacuna na área. Até onde temos conhecimento, apenas falantes de espanhol como L1 foram usados em testes de compreensibilidade, como em Munro e Derwing (1995b) e Beinhoff (2014), porém os mesmos foram avaliados falando inglês como L2.

A partir de agora trataremos das questões teóricas acerca do tema.

---

<sup>1</sup> Colocamos em negrito a sílaba tônica para facilitar sua localização.

<sup>2</sup> Usaremos as palavras língua estrangeira, segunda língua ou L2 como sinônimas, sem considerar as possíveis diferenças que os termos possam ter.

## 1. A Compreensibilidade

Discorrer sobre compreensibilidade é adentrar em um campo controverso, pois ainda hoje falta consenso com relação a esta terminologia e a outras terminologias como inteligibilidade (CRUZ, 2007; BECKER; KLUGE, 2014; ALVES, 2015). Em seu artigo, Cruz (2007) traz um panorama sobre o uso desses termos e de outros mais, como comunicatividade, mostrando que, de 1950 até 2003, muitos autores usaram essas definições ora de maneira bastante semelhante e ora de maneira um tanto quanto controversa.

O termo compreensibilidade é usado por Munro e Derwing (1995a, p.291) com relação “(...) à dificuldade das percepções dos ouvintes em compreender enunciados particulares. As amostras de fala têm sido frequentemente classificadas para compreensão com escalas do tipo Likert”. A avaliação em escala Likert é feita normalmente em pesquisas com questionários em que as respostas variam em graduação de itens, de 1 até 9 pontos, por exemplo, sendo o maior valor normalmente o atribuído à pior compreensibilidade. O grau de acento, de acordo com Munro e Derwing (1995a, p. 291) “refere-se ao quão forte o sotaque estrangeiro do locutor é percebido”, e também pode ser medido em escala Likert, normalmente o maior valor se refere ao acento estrangeiro mais pesado.

Há ainda outros termos como inteligibilidade, comunicabilidade e eficácia. Por inteligibilidade, por exemplo, entende-se, segundo autores como Kenworthy (1987, p.13), que<sup>3</sup> “quanto mais palavras um ouvinte é capaz de identificar com precisão quando dito por um falante em particular, mais inteligível é aquele falante”.<sup>4</sup> Esses termos não serão explorados neste artigo, visto que o objetivo principal desta pesquisa é a compressibilidade. No entanto, para resumir as terminologias da área, replicamos o quadro de Cruz (2007, p. 156-157), na Tabela 1 que demonstra como esses conceitos são semelhantes e variam de autor para autor.

Tabela 1 – Conceitos para as principais terminologias da área

<b>Autores</b>	<b>Terminologias e conceitos</b>
Catford (1950, p. 8)	Inteligibilidade - ocorre “se o ouvinte entende as palavras, ou seja, se sua resposta é apropriada às formas linguísticas do enunciado.”
Catford (1950, p. 7)	Eficácia - “normalmente é a intenção do falante que o ouvinte deve responder à sua declaração de uma maneira que seja apropriada ao seu propósito na fala.”
Smith e Rafiqzad (1979, p. 371)	Inteligibilidade - “capacidade de entender uma palavra ou palavras quando faladas / lidas no contexto de uma frase que está sendo falada / lida em velocidade natural.”

<sup>3</sup> Todas as traduções deste artigo são de nossa responsabilidade.

<sup>4</sup> *The more words a listener is able to identify accurately when said by a particular speaker, the more intelligible that speaker is.* (tradução nossa)

Smith e Nelson (1985, p. 334)	Inteligibilidade - “reconhecimento da palavra /enunciado.”
Smith e Nelson (1985, p. 334)	Compreensibilidade - “o significado de uma palavra ou um enunciado.”
Smith e Nelson (1985, p. 334)	Interpretabilidade - “significado por trás da palavra ou expressão.”
Kenworthy (1987, p. 13)	Inteligibilidade e compreensibilidade - “quanto mais palavras um ouvinte for capaz de identificar com precisão quando dito por um falante em particular, mais inteligível será esse falante.”
Kenworthy (1987, p. 16)	Comunicação - “envolve a leitura das intenções do outro.”
Bamgbose (1998, p. 11)	Inteligibilidade - “um complexo de fatores que compreende reconhecer uma expressão, conhecer seu significado e saber o significado desse significado no contexto sociocultural.”
James (1998, p. 212)	Compreensibilidade - “refere-se a todos os aspectos da acessibilidade do conteúdo - ao contrário da forma - de enunciados.”
James (1998, p. 212)	Inteligibilidade - “a acessibilidade do significado básico e literal, o conteúdo proposicional codificado em um enunciado.”
James (1998, p. 217)	Comunicatividade - falta de comunicatividade ocorre “quando o leitor-ouvinte atribui alegremente um significado (e interpretação) a um enunciado, mas sua leitura não é o que se pretendia.”
Jenkins (2000, p. 78)	Inteligibilidade - “a produção e o reconhecimento das propriedades formais de palavras e enunciados e, em particular, a capacidade de produzir e receber forma fonológica.”
Field (2003, p. 35)	Inteligibilidade - “até que ponto o conteúdo da mensagem é reconhecível.”
Field (2003, p. 35)	Compreensibilidade - “a medida em que a mensagem do falante é compreensível, graças a uma combinação de vocabulário apropriado, correto (ou sintaxe aproximada), pragmática sensível e domínio das características básicas da pronúncia.”

Fonte: Cruz (2007, p. 156-157).

Nossa pesquisa sobre compreensibilidade segue o que defende Field (2003, *apud* CRUZ, 2007), de que se compreende a mensagem por meio de uma combinação de fatores. A literatura da área ainda não chegou a um consenso também sobre quais instrumentos usar para medir a compreensibilidade, mas, de forma geral, boa parte dos pesquisadores se baseia nos estudos conduzidos por Munro e Derwing que serão revisados a seguir.

Munro e Derwing (1995b) mediram a inteligibilidade através de transcrição de sentenças produzidas por falantes não nativos de inglês e, em seguida, a compreensibilidade usando a escala de Likert de 9 pontos, sendo 1 = extremamente fácil de entender e 9 = impossível de entender. E, quatro dias depois, a segunda tarefa consistia em ouvir outra vez as 36 sentenças e avaliar o grau de acento estrangeiro, também na escala de Likert, sendo 1 = sem acento estrangeiro e 9 = acento estrangeiro muito forte. Os ouvintes eram falantes de inglês como L1 e a produção das sentenças ouvidas foi feita

por 10 falantes de mandarim chinês, proficientes em inglês, que aprenderam inglês depois da puberdade (como L2) e que estiveram um ano no Canadá. A hipótese dos autores é a de que inteligibilidade, compreensibilidade e grau de acento estariam correlacionados.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que os ouvintes reconheceram bem as sentenças produzidas pelos falantes de mandarim: 22% foram julgadas como extremamente fáceis de entender e 64% delas ficaram nas categorias 1, 2 e 3 (lembrando que a categoria 1 era a mais fácil de entender e a 9 a mais difícil). Assim, os autores concluíram que a percepção da compreensibilidade foi menos difícil que a avaliação do grau de acento. Outra coisa interessante do estudo de Munro e Derwing (1995b) é que os ouvintes às vezes classificaram os enunciados, no grau de acento, entre moderado ou fortemente acentuado mesmo quando capazes de transcrevê-los perfeitamente, demonstrando mais uma vez que um forte acento estrangeiro não resulta necessariamente em menor inteligibilidade, mas pode afetar a compreensibilidade.

Em um outro estudo, Munro e Derwing (1995a) avaliaram inteligibilidade, compreensibilidade e grau de acento a partir de sentenças verdadeiras e falsas (40 no total) produzidas por 10 falantes de mandarim chinês e 10 falantes de inglês como L1. As sentenças verdadeiras e falsas foram facilmente determinadas com base no conhecimento geral dos indivíduos, tais como “elefantes são grandes animais” ou “muitas pessoas vestem chapéus nos pés”. Os ouvintes eram falantes de inglês como língua materna. Os resultados mostraram que os falantes de mandarim chinês, ao gravar os enunciados, tiveram uma velocidade de fala menor que os falantes de inglês como L1. Apesar de esta questão ter sido normalizada para a análise dos dados, parece que os ouvintes associaram o tempo de velocidade extra para a fala de um enunciado ao fato de ele ser menos compreensível, mesmo quando estes ouvintes foram capazes de transcrever adequadamente a sentença escutada. Ou seja, quanto mais uma sentença demorou para ser falada, ela foi julgada como menos compreensível. Essas questões, porém, não tiveram correlação com o grau de sotaque, apenas com compreensibilidade, o que levou os autores a confirmar que o grau de acento e a compreensibilidade estão somente parcialmente correlacionados com a fala de L2.

Num estudo posterior, Munro *et al.* (2006) levantaram outra questão sobre os estudos de inteligibilidade: o fato de que a maioria deles se preocupa em avaliar a inteligibilidade apenas por ouvintes L1. Porém, como se sabe que a avaliação do acento estrangeiro depende das propriedades de fala da língua materna do próprio ouvinte, eles decidiram fazer um cruzamento de dados entre produção e percepção, ou seja, de falantes e ouvintes de diferentes idiomas e não mais apenas de ouvintes como L1. Assim, colocaram ouvintes de cantonês, japonês, mandarim e inglês para avaliar o grau de acento de sentenças do inglês produzidas por falantes de inglês como L2 como cantoneses, japoneses, poloneses e espanhóis. Os autores partiram da premissa de que os ouvintes podem experimentar certas dificuldades em compreender a fala que difere dos padrões de produção oral aos

quais estão acostumados, porque “os interlocutores podem responder negativamente ao discurso acentuado por causa de impaciência, inexperiência com falantes de L2 ou preconceito”. (MUNRO *et al.*, 2006, p. 112).

O estudo de Munro *et al.* (2006) teve uma metodologia bastante semelhante aos outros estudos de Munro e Derwing já descritos até aqui. Essa investigação contou com tarefas de transcrição das sentenças ouvidas, julgamento de compreensibilidade e grau de acento. Participaram 12 falantes de cada idioma (cantonês, japonês, polonês e espanhol), com nível de proficiência do inglês de intermediário a avançado, e 40 ouvintes (10 falantes de inglês como L1, 10 cantoneses, 10 japoneses e 10 chineses falantes de mandarim). Relembrando, então, que os ouvintes deveriam transcrever as sentenças, depois julgar a compreensibilidade das mesmas pela escala Likert (1 = fácil de entender; 9= difícil de entender) e ainda mensurar o grau de acento (1 = sem acento estrangeiro; 9= acento estrangeiro forte).

Os resultados mostraram que, embora algumas diferenças entre grupos tenham surgido, apenas evidências fracas foram encontradas sobre a hipótese de que falar uma L2 com o acento da L1 torna esta fala mais inteligível, compreensível e menos acentuada do que a produzida por acentos estrangeiros menos familiares ao ouvinte. Houve uma pequena vantagem sobre isso para japoneses ouvindo japoneses falar inglês, contudo, isso não ocorreu para os cantoneses, por exemplo. As respostas entre os falantes de inglês como língua materna e os falantes de inglês como segunda língua tiveram diferenças relativamente pequenas e, em geral, as boas pontuações dadas pelos ouvintes de inglês como L1 se correlacionaram com as pontuações dadas pelos outros grupos de ouvintes.

A única diferença entre grupos estatisticamente significativa na inteligibilidade foi, como dito, que os ouvintes japoneses entenderam os falantes de japonês um pouco melhor do que os ouvintes nativos de inglês. No entanto, os ouvintes cantoneses não compreenderam a fala cantonesa melhor do que qualquer outro grupo de ouvintes. Isso demonstra que a língua materna nem sempre influencia na inteligibilidade de uma segunda língua e que os indivíduos diferem na sua habilidade de processar e entender uma L2, independente de sua experiência.

Após discorrermos sobre alguns estudos de compreensibilidade que fundamentam nossa pesquisa, bem como sobre a concepção de compreensibilidade a que estamos nos referindo, iniciamos as descrições sobre a metodologia de nossa pesquisa.

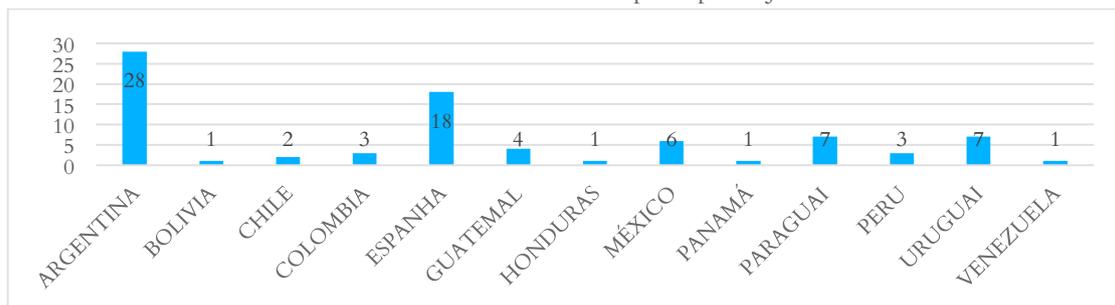
## 2. Metodologia

Conforme mencionado, o objetivo principal desta pesquisa é averiguar qual palavra heterotônica é mais acessível e mais aceita no âmbito da compreensibilidade por falantes de espanhol como L1, se a que contém o acento tônico adequado ou a que contém acento inadequado. Para isso, como não há consenso sobre a melhor metodologia a ser aplicada às pesquisas de compreensibilidade, conforme descrito na Seção 1, escolhemos uma metodologia considerada simples e que pudesse ser realizada facilmente por qualquer pessoa de forma remota, sem a presença física das pesquisadoras. O intuito foi abranger um maior número de falantes de espanhol como L1, de diversos países hispano-americanos, para que estes pudessem escutar aprendizes brasileiros de espanhol falando palavras em espanhol e, assim, apontassem qual das duas pronúncias prefeririam: se a com o acento adequado ou acento inadequado.

Assim, elaboramos um teste auditivo de compreensibilidade que foi aplicado a 82 hispano-falantes (que serão chamados de juízes nesta investigação) que tinham em comum o fato de falar o espanhol como língua materna. Dividimos os juízes em dois perfis: (a) falantes de espanhol como língua materna, que também falam português do Brasil; (b) falantes de espanhol como língua materna que não falam o português do Brasil. Inicialmente, pensamos em colocar brasileiros que falassem espanhol fluentemente para também serem juízes dos testes, porém, decidimos eliminar esse grupo pois acreditamos que não faz sentido aplicar teste de compreensibilidade para brasileiros escutarem brasileiros falando os heterotônicos do espanhol com o acento inadequado, pois, assim, escutariam as palavras exatamente como se fala em PB, fato que não levaria à incompreensibilidade. Ou seja, por mais que estes possíveis juízes brasileiros soubessem que os heterotônicos foram falados com o acento em uma sílaba diferente do que a esperada para o espanhol, eles entenderiam as palavras sem dificuldades, pois estas são faladas exatamente como no PB.

O perfil desses 82 juízes pode ser observado nos Gráficos 01 e 02. A maioria deles, conforme Gráfico 01, é da Argentina (34% ou 28 no total) ou da Espanha (22% ou 18 no total). Se dividirmos por macrorregiões, porém, a grande maioria (63,5%) é da América do Sul, depois da Península Ibérica (22%) e, em seguida, da América Central e do Norte (14,5%).

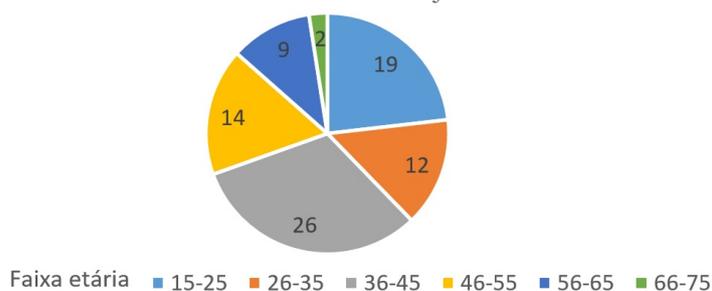
Gráfico 1 – Nacionalidade dos participantes juízes



Fonte: elaboração própria.

No Gráfico 2 é possível perceber que a maioria dos juízes está na faixa etária de 36 a 45 anos (32% ou 26 no total), seguidos da faixa etária de 15 a 25 anos (23% ou 19 no total); de 46 a 55 anos (17% ou 14 no total); de 26 a 35 anos (15% ou 12 no total). A minoria tem a faixa etária de 56 a 65 anos (11% ou 9 no total) e de 66 a 75 anos (2% ou 2 no total).

Gráfico 2 – Idade dos juízes



Fonte: elaboração própria.

Qualquer pessoa interessada em participar da pesquisa poderia responder as perguntas. Eliminamos apenas dois participantes (eram 84, ficamos com 82) porque esses apresentavam deficiência auditiva, o que poderia comprometer os resultados por se tratar de testes exclusivamente auditivos e, ainda, sem a presença das pesquisadoras. Temos também um perfil variado de pessoas de distintas profissões, como estudantes, professores de escolas e de universidades, contadores, enfermeiros, engenheiros, entre outras.

Questionados sobre a possibilidade de falar português, tivemos uma divisão entre os 82 participantes bastante semelhante: 46 deles (56%) reportaram que não sabem falar português (nem do Brasil nem de Portugal) e 36 deles (44%) reportaram que falam esse idioma. Essa informação é relevante pelo fato de esta pesquisa tratar dos heterotônicos: palavras semelhantes em português e espanhol que se diferem pela localização da sílaba tônica. Ou seja, ao saber falar português esses juízes podem entender com mais facilidade um heterotônico do espanhol pronunciado com a sílaba tônica inadequada. Outra questão que necessitamos estar atentos para esta pesquisa é que a maioria dos juízes

(78 deles ou 95%) reportou que já ouviu alguém falando PB, grande parte ouviu pessoalmente em ocasiões pontuais, tais como em viagens e intercâmbio ou também em séries de televisão. Além de 44% dos juízes falarem português como língua estrangeira, 73% deles (60 no total) indicou que sabe outro idioma além de português, a maioria deles tinha conhecimentos de inglês, francês e/ou italiano.

Por uma questão de praticidade e acesso a um maior número de juízes, optamos por elaborar o teste de compreensibilidade em uma plataforma do Google, o *Google Formulários*, que permite a pessoas de qualquer lugar do mundo, com acesso à internet, realizar os testes através de um *link* encaminhado por e-mail.

Inicialmente os informantes recebiam por *e-mail* um pedido de participação na pesquisa, escrito pelas pesquisadoras, e um *link* para ter acesso aos testes. Assim, as pessoas que receberam o *link* para os testes sabiam que iriam recebê-lo. Ao clicar no *link* da pesquisa, este conduzia os participantes à página do formulário. Ali, os informantes/juízes preenchiam informações com seus dados pessoais, sobre o contato com o PB (ou não), de que país eram, entre outras questões. Depois assinavam *online* o termo de consentimento antes de começar a responder a pesquisa. Tanto o termo de consentimento como as perguntas dos questionários e a explicação dos testes em si (oral ou escrita) estavam em espanhol.

O teste de compreensibilidade iniciava com uma explicação de uma das pesquisadoras, em vídeo, sobre o que era a pesquisa e de como os participantes deveriam respondê-la. Os juízes participantes receberam a orientação (tanto em texto como em vídeo gravado) de que veriam 18 vídeos curtos com a imagem de um *slide*, porque a ferramenta do *Google Formulários* não permite postar apenas áudios. Foi explicado que eles escutariam duas palavras iguais e, dessas, deveriam dizer qual estava mais clara auditivamente, a primeira ou a segunda. Era obrigatório escolher uma das duas opções de resposta.

A Figura 1 mostra como o teste era visualmente.

Figura 1 - Imagem do teste de compreensibilidade

Ve el VIDEO 1 abajo que contiene una diapositiva congelada. Tú escucharás una misma palabra hablada dos veces. Después, elige abajo cuál de las dos palabras está más clara auditivamente para ti, ¿la PRIMERA o la SEGUNDA? VE EL VIDEO UNA SOLA VEZ. \*

PRIMERA

SEGUNDA

VIDEO 1

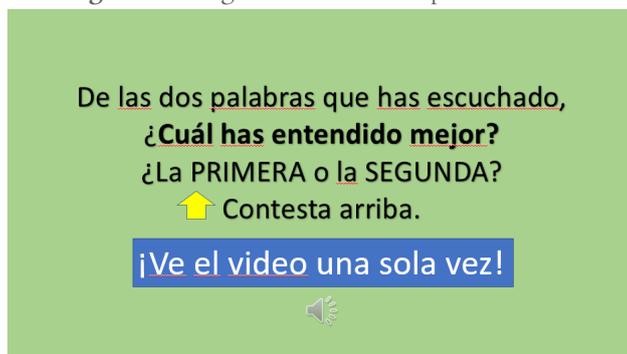


SP1L  
De las dos palabras que has escuchado,  
¿Cuál has entendido mejor?  
¿La PRIMERA o la SEGUNDA?  
Contesta arriba.  
¡Ve el video una sola vez!

Fonte: elaboração própria.

Neste teste os participantes escutavam duas palavras e deveriam, por teste de discriminação, escolher qual estava mais clara auditivamente, qual era compreendida melhor na língua espanhola, se a primeira ou a segunda. A resposta era obrigatória, ou seja, eles deveriam escolher uma opção: entre a primeira ou a segunda. Conforme Figura 2, em cada pergunta havia um *slide* parado com instruções do teste. Depois de dois segundos se escutava a primeira palavra e após 1,3 segundo de silêncio rodava o áudio da segunda palavra. Solicitava-se aos participantes para ver cada vídeo uma só vez e depois clicar na resposta.

Figura 2 - Imagem do teste de compreensibilidade



Fonte: elaboração própria.

No *slide* aparecia a instrução de que o informante deveria escolher, das duas palavras escutadas, a que havia entendido melhor. Era para responder acima e havia uma flecha amarela que apontava o local da resposta. Solicitava-se ainda para ver o vídeo uma só vez. As palavras escutadas nesse teste foram selecionadas da seguinte maneira. Para locutores, escolhemos dois informantes (um do gênero masculino e outro do gênero feminino), estudantes de Língua Espanhola I da Universidade Federal do Paraná (com exposição acadêmica de cerca de 180 horas de espanhol) que participaram de uma outra pesquisa de uma das autoras deste artigo (MILAN, 2019) em que foram treinados perceptualmente a falar a sílaba tônica dos heterotônicos de modo adequado. Eles gravaram antes do treinamento perceptual, em um ambiente com tratamento acústico, 40 frases que continham heterotônicos. Após o treinamento perceptual, eles gravaram novamente as 40 frases. Os heterotônicos, desta vez falados de maneira esperada, ou seja, com a localização correta da sílaba tônica, foram selecionados e comparados aos heterotônicos falados inadequadamente na primeira gravação. Assim, elegemos oito heterotônicos (quatro de cada informante) iguais aos da primeira gravação, com a diferença de que na primeira gravação eles foram falados inadequadamente e que nessa segunda gravação estavam adequados. Para o presente estudo recortamos apenas os heterotônicos das frases, para serem usados no teste. Os heterotônicos selecionados foram:

- Informante feminino: *alergia*, *homofobia*, *quimioterapia*, *esquizofrenia*.
- Informante masculino: *atrofia*, *canibal*, *pantano*, *parálisis*.

Conforme mencionado, a intenção desse teste é averiguar qual das palavras os falantes de espanhol como língua materna preferem em termos de compreensibilidade: o heterotônico falado com a sílaba tônica adequada ou com a sílaba inadequada. Isso quer dizer que, em cada *slide*, os juízes participantes ouviam, por exemplo, ‘alergia’ falada com a tônica inadequada, igual ao PB (a.ler.gi.a) e, em seguida, esta mesma palavra falada com a tônica esperada para o espanhol (a.ler.gia). Assim, após ouvir a mesma palavra falada duas vezes de maneira diferente, os juízes deveriam escolher qual delas estava mais clara e mais compreensível auditivamente para falantes de espanhol como língua materna, se a primeira ou a segunda.

Para tentar controlar um possível efeito de ordem dos estímulos, neste caso a posição correta ou não da sílaba tônica das palavras heterotônicas do espanhol, decidimos aplicar o teste da seguinte maneira: em um dos vídeos eles escutavam primeiro ‘alergia’ (com a tônica adequada) e depois ‘alergía’ (com a tônica inadequada), porém, mais adiante no teste, viam um novo vídeo com a sequência invertida, ou seja, primeiro ‘alergía’ (com a tônica inadequada) e depois ‘alergia’ (com a tônica adequada). Além disso, mesclamos os vídeos de maneira que a ordem nem sempre fosse a mesma, o que quer dizer que às vezes escutariam primeiro o heterotônico inadequado e depois o adequado, contudo, às vezes, escutariam o inverso disso. Por isso, dos oito heterotônicos selecionados, foram montados 16 vídeos com dois pares de heterotônicos cada, em que ora aparecia primeiro o heterotônico com a sílaba tônica esperada e ora em que aparecia primeiro o heterotônico com a sílaba tônica inadequada.

Além disso, os dois primeiros vídeos tinham palavras que não eram heterotônicas, são elas: ‘sentido’, do locutor masculino, e ‘cultura’ da locutora feminina. Elas fizeram parte dos dois primeiros vídeos para servir de teste de familiarização dessa etapa e, como não são palavras heterotônicas, não foram contabilizadas nos resultados. Por isso, o teste auditivo teve, ao todo, 18 vídeos para serem julgados pelos juízes participantes, mas para fim de análise consideramos somente os 16 vídeos com os heterotônicos.

A sequência dos vídeos com palavras heterotônicas a serem escutadas foi feita de maneira aleatorizada, com a ordem embaralhada, assim, não há uma regra de que a primeira palavra a ser escutada será necessariamente a adequada ou vice-versa. Os pares de palavras escutados foram os seguintes:

- (1) sentido x sentido (para familiarização dos juízes com o teste);
- (2) cultura x cultura (para familiarização dos juízes com o teste);
- (3) **atrofia** (PB) x *atrofia* (espanhol);
- (4) **homofobia** (PB) x *homofobia* (espanhol);
- (5) *parálisis* (espanhol) x **paralisia** (PB);
- (6) *quimioterapia* (espanhol) x **quimioterapia** (PB);
- (7) *canibal* (espanhol) x **canibal** (PB);
- (8) **alergia** (PB) x *alergia* (espanhol);
- (9) **esquizofrenia** (PB) x *esquizofrenia* (espanhol);
- (10) **pântano** (PB) x *pantano* (espanhol);
- (11) **canibal** (PB) x *canibal* (espanhol);
- (12) *homofobia* (espanhol) x **homofobia** (PB);
- (13) *atrofia* (espanhol) x **atrofia** (PB);
- (14) *esquizofrenia* (espanhol) x **esquizofrenia** (PB);
- (15) **paralisia** (PB) x *parálisis* (espanhol);
- (16) **quimioterapia** (PB) x *quimioterapia* (espanhol);
- (17) *pantano* (espanhol) x **pântano** (PB);
- (18) *alergia* (espanhol) x **alergia** (PB).

Espera-se, assim, que se os juízes participantes sempre preferam a palavra heterotônica que está com o acento tônico adequado. Como os juízes participantes escutaram duas vezes os pares de palavras, a princípio imaginou-se que eles escolheriam sempre a mesma palavra (com a tônica adequada) como a mais compreensível, porém, se elegerem em um dos testes ‘alergia’ (com a tônica adequada) e depois ‘alergia’ (com a tônica inadequada), significa que não estará claro para esses juízes

qual realmente eles preferem, o que pode nos levar a entender que, nesses casos, a sílaba tônica dessas palavras heterotônicas não importa na compreensão auditiva de falantes de espanhol como língua materna.

Após a conclusão do teste, o programa avisava aos participantes que haviam acabado, as pesquisadoras agradeciam por escrito a participação e deixavam disponíveis os contatos (*WhatsApp* e *e-mail*) para eventuais dúvidas. Os participantes deveriam clicar no botão 'enviar' os testes e esses eram automaticamente contabilizados pelo *Google Formulários* e ficavam disponíveis para a consulta das pesquisadoras. Em média, cada participante demorou 10 minutos para concluir o teste. Discorremos agora sobre os resultados.

### 3. Resultados

Para a análise dos resultados, como os dois primeiros áudios escutados serviram apenas de teste de familiarização, eles não foram computados. Ao todo foram analisadas 1.312 respostas, ou seja, os 82 juízes participantes escutaram, cada um, 16 áudios com 8 heterotônicos diferentes (em uma das vezes com a sílaba adequada e na outra vez com a sílaba inadequada – não necessariamente nesta ordem). No Gráfico 3 é possível observar que a maioria dos juízes participantes sinaliza para uma compreensão maior com relação à palavra heterotônica que foi falada com a sílaba tônica adequada.

Gráfico 3 – Total de respostas em porcentual, de acordo com a sílaba tônica

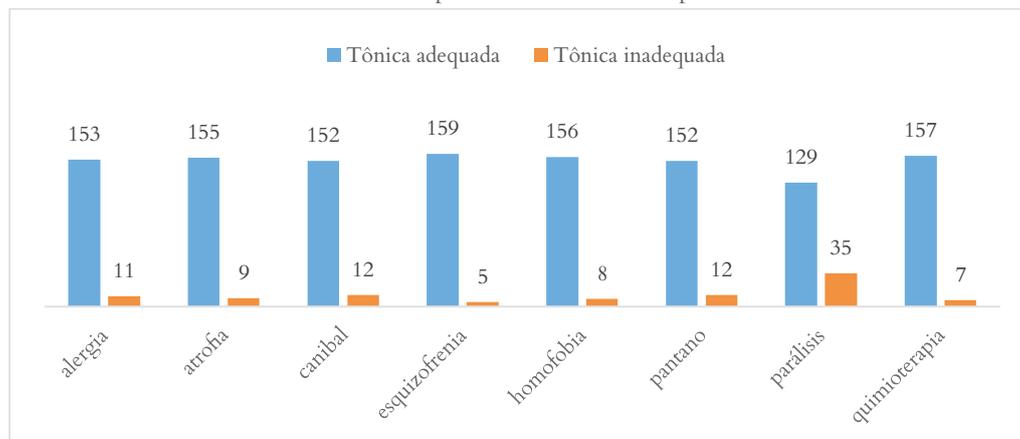


Fonte: elaboração própria.

Por meio do Gráfico 3 é possível afirmar que os falantes de espanhol como L1, ao escutarem brasileiros falando palavras heterotônicas do espanhol, compreendem melhor estas palavras quando a sílaba tônica foi produzida de maneira esperada.

No Gráfico 4 é possível analisar as respostas conforme as oito palavras heterotônicas escutadas.

Gráfico 4 – Escolha de compreensibilidade nas oito palavras heterotônicas

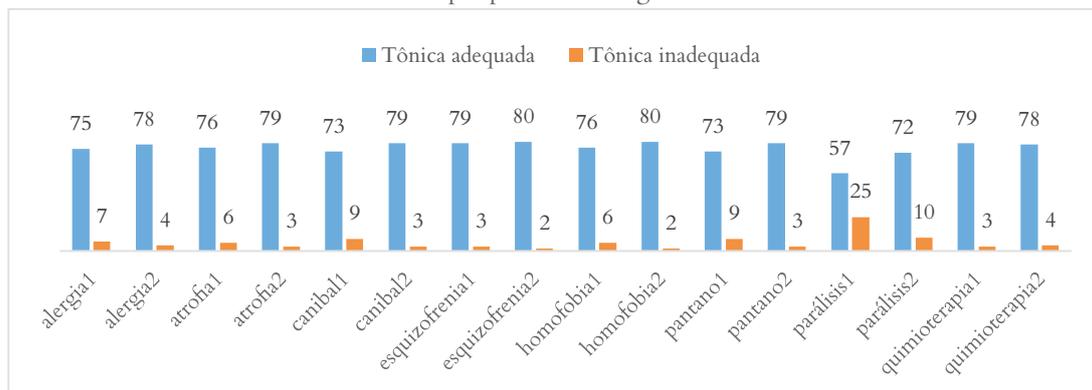


Fonte: elaboração própria.

Das 164 respostas possíveis para cada uma das oito palavras (82 participantes juízes x 2 audições da palavra heterotônica, variando a sílaba tônica), a maioria dos participantes juízes assinalou que a mais compreensível era aquela com a sílaba tônica adequada. De forma geral, os juízes escolheram o heterotônico com a tônica inadequada poucas vezes, entre 5 e 12 respostas de 162. No entanto, o heterotônico ‘parálisis’ recebeu 35 respostas indicando como mais compreensível a realização com a sílaba tônica inadequada, ou seja, pronunciada igual ao português. Imaginamos que isso ocorreu porque ‘parálisis’ em espanhol é uma das poucas palavras heterotônicas em que há uma alteração em uma das letras da sílaba final quando traduzida ao português, ao invés de ‘s’ falamos ‘a’ (‘paralísia’). Esta mudança segmental pode ter confundido alguns participantes juízes que assinalaram a preferência pela tônica inadequada, justamente porque talvez não tenham entendido muito bem a palavra que escutaram, pois ela é um pouco diferente do espanhol.

Também controlamos se a ordem das palavras no teste (se a heterotônica com a sílaba adequada aparecia por primeiro ou por segundo) alterou os resultados. É possível observar no Gráfico 5 que há uma leve tendência dos juízes participantes em escolher a heterotônica com a sílaba adequada quando esta aparecia por segundo no áudio. Ou seja, os juízes participantes escutavam a palavra duas vezes, uma com a tônica inadequada e em seguida, no mesmo áudio, com intervalo de 1,3 segundo, escutavam a tônica adequada e, nesta ordem, tenderam a escolher a palavra com a tônica adequada em número um pouco maior (em praticamente todas as sequências de palavras) quando ela aparecia por segundo. Isso muitas vezes acontece nos testes auditivos porque normalmente é mais fácil, entre duas palavras escutadas, preferir aquela adequada quando esta foi escutada por último já que a memorização, neste caso, é facilitada.

**Gráfico 5 –** Respostas conforme a ordem em que esta tônica adequada aparecia no áudio, se por primeiro ou segundo



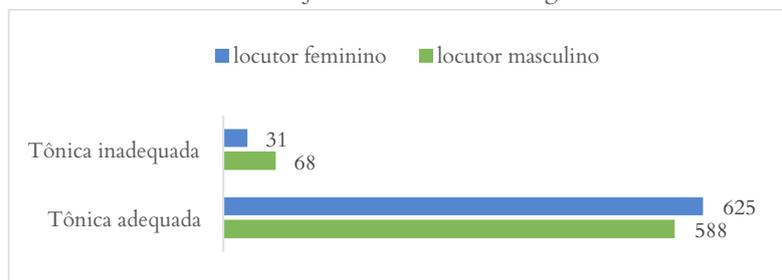
**Nota:** o número 1 e 2 se referem à posição da palavra com a tônica adequada no áudio, sendo 1 para esta palavra escutada por primeiro e 2 para esta tônica adequada escutada por segundo. O intervalo de tempo entre as duas palavras escutadas foi de 1,3 segundo.

**Fonte:** elaboração própria.

Mesmo assim, apesar de haver uma pequena preferência pelos heterotônicos com sílabas adequadas escutadas por segundo no áudio, as diferenças pela escolha da tônica adequada não são muito distantes se observarmos a ordem em que estas tônicas apareciam no áudio, como no caso de ‘alergia1’ (que apareceu por primeiro com 75 respostas de 82) e ‘alergia2’ (que apareceu por segundo com 78 respostas de 82), uma diferença de apenas três respostas.

Apesar de não ser foco deste estudo, no Gráfico 6 é possível observar também uma pequena tendência dos juízes participantes em preferir as tônicas adequadas da locutora feminina (625 escolhas) com relação ao locutor masculino (588 escolhas). E também uma pequena tendência em escolher menos as tônicas inadequadas produzidas pela locutora feminina (31 escolhas) com relação ao locutor masculino (68 escolhas).

**Gráfico 6 –** Escolhas dos juízes de acordo com o gênero dos locutores.

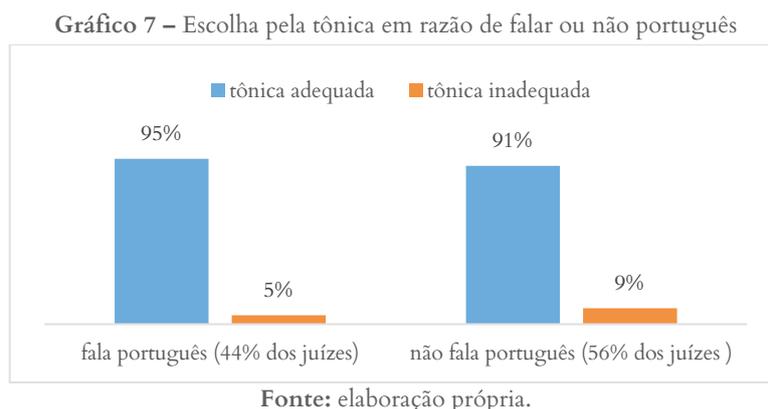


**Nota:** elaboração própria.

Não podemos afirmar neste estudo que a preferência levemente maior pela produção da locutora feminina tem relação apenas com o gênero, porque os locutores produziram palavras heterotônicas

diferentes que também podem ter interferido nesta escolha. Relembrando que o locutor masculino produziu as seguintes heterotônicas: *atrofia*, *canibal*, *pantano* e *parálisis*. Já a locutora feminina produziu as seguintes heterotônicas: *alergia*, *homofobia*, *quimioterapia*, *esquizofrenia*.

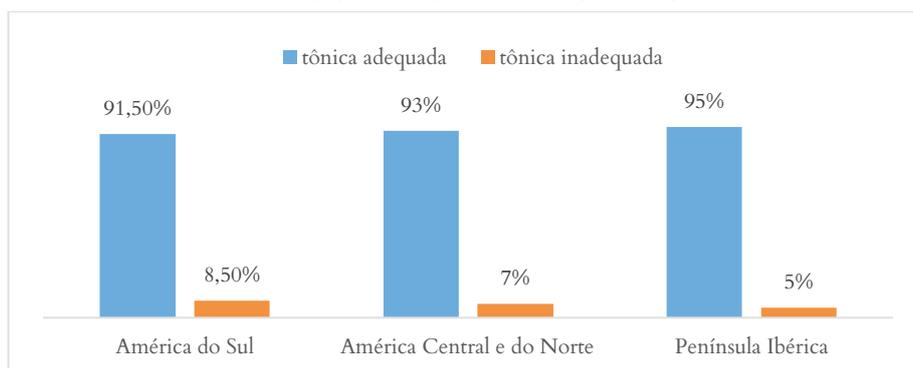
Vamos observar agora, a partir do Gráfico 7, se o fato de os juízes participantes falarem PB interferiu nas escolhas pelas heterotônicas do espanhol com a sílaba inadequada, ou seja, igual ao PB, havendo, desta forma, uma tolerância à produção da sílaba tônica do espanhol em outra posição.



Os resultados nos mostram mais uma vez que há uma similaridade nas respostas tanto dos juízes participantes que falavam, além de espanhol como língua materna, português como L2 e os que não tinham conhecimento do PB. Apesar disso, se percebe que quem tinha conhecimentos de PB teve uma leve tendência a não escolher as heterotônicas que foram produzidas com a tônica inadequada. Isso demonstra que, ao contrário do que imaginávamos, parece que não houve uma tolerância por parte destes juízes a estas produções inadequadas. Estes participantes que conheciam o PB podem ter feito uso deste conhecimento para reconhecer com mais precisão (em relação aos que não tinham conhecimentos de PB) as produções das palavras heterotônicas do espanhol em relação às produções típicas do português.

No Gráfico 8, é possível analisar se a proximidade dos juízes participantes com o Brasil, ou seja, se eram da América do Sul ou não, interferiu nas escolhas pelas heterotônicas do espanhol com a sílaba inadequada (ou seja, igual ao PB), havendo, desta maneira, uma certa tolerância a estas inadequações.

Gráfico 8 - Escolha das tônicas em razão da nacionalidade



Fonte: elaboração própria.

A proximidade dos juízes participantes com o Brasil fez um movimento diferente com relação ao Gráfico 7, sobre estes juízes falaram PB ou não. No Gráfico 7, vimos que o fato de falar PB fez com que os juízes participantes não preferissem (mesmo que em porcentuais bastante pequenos) as produções com as tônicas inadequadas: foram 5% de escolhas de tônicas inadequadas *versus* 9% das tônicas inadequadas pelos juízes que não falavam PB. Contudo, no Gráfico 8, com relação à nacionalidade destes juízes e a proximidade deles com o Brasil, houve uma pequena tendência desta proximidade em tolerar as produções das tônicas inadequadas. Os juízes participantes que vivem na América do Sul (63,5% do total) disseram ser compreensíveis 8,5% das heterotônicas com a tônica inadequada. Os da América Central e do Norte (14,5% deles) elegeram como compreensíveis 7% das tônicas inadequadas e os da Península Ibérica (22%), ou seja, que estão mais distantes do Brasil, escolheram como mais compreensíveis 5% das tônicas inadequadas. Isso pode demonstrar que os falantes de espanhol deste estudo que vivem mais próximos ao Brasil podem ter mais tolerância com produções de sílaba tônica inadequada, porque escolheram como mais compreensíveis deste *corpus* 8,5% dos casos, *versus* 5% dos que vivem na Península Ibérica. Apesar de a diferença ser de apenas 3,5%, ela pode nos indicar que falantes de espanhol que vivem mais próximo ao Brasil tendem a aceitar com um pouco mais de tolerância do que outros falantes de espanhol palavras faladas com a tônica inadequada.

Passemos agora às considerações finais.

## Considerações Finais

Este estudo exploratório tinha como propósito averiguar a compreensibilidade das palavras heterotônicas do espanhol, em comparação ao PB, por falantes de espanhol como língua materna, na

produção destas heterotônicas por aprendizes brasileiros. Para isso, foram consideradas nas atividades de discriminação auditiva, tanto as tônicas faladas adequadamente como as que foram produzidas inadequadamente, ou seja, em uma sílaba que não era a esperada.

Os resultados trouxeram algumas contribuições interessantes para serem investigadas com mais profundidade em estudos futuros na área de compreensibilidade, principalmente no espanhol. Praticamente todos os juízes participantes tendem a escolher como mais compreensível a produção das heterotônicas com a sílaba adequada (92%). Apesar disso, a heterotônica ‘parálisis’ foi a que teve o maior caso de escolhas da sílaba inadequada, ou seja, 35 juízes escolheram ‘paralísia’ ao invés de ‘parálisis’. Nos demais casos, a escolha da sílaba inadequada como a palavra mais compreensível não ultrapassou 12 respostas.

Os dados mostram ainda uma leve preferência pela produção da locutora feminina com relação ao locutor masculino, mas como ambos produziram heterotônicas diferentes, teríamos de investigar mais a fundo se esta pequena preferência tem relação com o gênero do locutor ou com as palavras faladas.

Além disso, esta pesquisa demonstrou que falantes de espanhol que tinham conhecimento de PB não tenderam a ser mais toleráveis a produções da sílaba inadequada em espanhol, com relação aos falantes de espanhol que não sabiam PB. Pelo contrário, os participantes que não sabiam PB tenderam a escolher com um percentual um pouco mais alto as tônicas inadequadas como mais compreensíveis (9% *versus* 5%). Já com relação à nacionalidade dos participantes juízes, houve um movimento contrário. Os que vivem em países mais próximos ao Brasil (os da América do Sul) disseram ser mais compreensíveis 8,5% das tônicas inadequadas, contra 5% dos que vivem na Península Ibérica, uma diferença de apenas 3,5% que pode nos demonstrar, entretanto, que a nacionalidade pode ser um fator importante nas pesquisas de compreensibilidade.

Por fim, consideramos importante dizer que, embora não haja metodologias pré-estabelecidas para os estudos de compreensibilidade, optamos por esta metodologia mais simples porque desta maneira conseguimos um maior número de participantes, já que esta pesquisa foi feita totalmente online e sem a presença das pesquisadoras. Porém, sentimos falta de aplicar neste estudo a escala de Likert para poder mensurar com mais precisão o quanto estas palavras heterotônicas faladas com a sílaba inadequada são efetivamente incompreensíveis. Para isso, sugerimos estudos futuros com uma metodologia que permita aprofundar mais estas questões, além de conduzir análises estatísticas.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Ubiratã K. Ensino de pronúncia na sala de aula de língua estrangeira: questões de discussão a partir de uma concepção de língua como Sistema adaptativo e complexo. **Revista Versalete**, v. 3, n. 5, p. 392-413, 2015.
- BECKER, Marcia R; KLUGE, Denise C. Intelligibility of English as a Lingua Franca (ELF): Perception by speakers of Brazilian Portuguese. **Concordia Working Papers in Applied Linguistics**, v. 5, p. 50-57, 2014.
- BEINHOFF, Bettina. Perceiving Intelligibility and Accentedness in Non-Native Speech: A Look at Proficiency Levels. **Concordia Working Papers in Applied Linguistics**, v. 5, p. 58-72, 2014.
- CRUZ, Neide C. Terminologies and definitions in the use of intelligibility: state-of-the-art. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 1, p. 149-159, 2007.
- KENWORTHY, Joanne. **Teaching English pronunciation**. Londres: Longman, 1987.
- MILAN, Pollianna. **Efeitos do treinamento perceptual na percepção e produção dos heterotônicos por aprendizes brasileiros de espanhol**. Tese (Doutorado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.
- MUNRO, Murray; DERWING, Tracey; MORTON, Susan. The mutual intelligibility of L2 speech. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 28, n. 1, p. 111-131, 2006.
- MUNRO, Murray J.; DERWING, Tracey. M. Foreign Accent, Comprehensibility, and Intelligibility in the Speech of Second Language Learners. **Language Learning**, v. 45, n. 1, p. 285-310, 1995b.
- MUNRO, Murray J.; DERWING, Tracey. Processing Time, Accent, and Comprehensibility in the Perception of Native and Foreign-Accented Speech. **Language and Speech**, p. 289-306, 1995a.